

Investir em HSE é preciso

As três letras H, S e E já fazem parte de nosso cotidiano. Seminários, treinamentos, procedimentos, induções, sensibilizações, não há um dia que passe sem termos uma atividade ligada, direta ou indiretamente, à segurança.

Alguns de vocês podem pensar: será que vale a pena? Será que investir tanto na segurança traz um retorno concreto e rentável? Como exemplo, para o projeto Tupi, que deve gerar 70.000 horas de engenharia, ou mais de 100.000 horas considerando a engenharia de nosso parceiro holandês, estamos produzindo mais documentos de HSE do que documentos de engenharia de detalhamento.

Afinal de contas, alguns podem argumentar que fazer um projeto é arriscar. Construir uma ponte, um barco ou lançar um gasoduto não é trabalho de escritório, é mexer com a natureza, com o aço, com o mar, com produtos químicos. Quem acha que o risco zero existe para esta atividade abusou do vídeo-game. O mundo dos projetos não é nada virtual: uma embarcação, no meio de ondas de até 10 metros, instala um equipamento de 130 toneladas, enquanto estivadores trabalham no carregamento de toneladas de tubos. Dá para entender que um projeto como Tupi é arriscar. São quase três milhões de horas trabalhadas em condições perigosas, onshore e offshore, 2.000 carretas que circularam nas estradas brasileiras, mais de 10 navios afretados para trabalhar a até 300 km da costa, 160.000 toneladas de tubos e equipamentos movimentados no Porto de Angra.

Deixe-me contar como era o mundo quando iniciei minha carreira de gerente de projetos. Naquela época, eu gerenciava contratos de construção de linhas e subestações elétricas e posso testemunhar que cada projeto tinha, pelo menos, uma fatalidade. Um operário caiu em uma escavação, outro de uma torre de alta tensão e houve ainda um que foi decapitado devido à queda de um perfil de aço. Isso sem contar os inúmeros acidentes de carros. Estes projetos não geravam mais de meio milhão de horas trabalhadas.

No projeto Tupi, estamos agora a poucos meses de terminar as nossas operações e não temos nenhum acidente com afastamento (e esperamos terminar desta forma!). O projeto anterior, Canapu, foi concluído com uma estatística quase perfeita: um acidente com uma gaveta no escritório foi o único caso. O nosso desempenho em HSE foi elogiado pela Petrobras.

Que diferença impressionante, não? Vale a pena? Sem dúvida. Não ser responsável, mesmo que indiretamente, pela morte de pessoas, vale realmente a pena. E como chegamos a esse resultado? Pela qualidade e o desempenho dos profissionais envolvidos no projeto? Sem a menor dúvida.

Mas, e do meu lado? Concretamente, qual foi a minha participação? Os demais fizeram o trabalho. Não estou a bordo de um navio para evitar acidentes em uma operação, nem supervisiono um

carregamento no porto e também não posso verificar se o motorista da carreta está alcoolizado ou não. Então, só me resta o papel de quem repete sem cessar: *safety first*, segurança em primeiro lugar, segurança em primeiro lugar... Frustrante para quem gosta de agir.

Pensando bem, acho que posso sim ter um papel de certa importância, através do fator que todos buscam em uma empresa: o dinheiro. Organização dos recursos de HSE dentro do projeto, um time forte integrado no PMT, inspetores de HSE em cada frente de trabalho, a capacidade de intervir com nossos fornecedores. É necessário alocar, desde o início do projeto, o orçamento necessário para ter essa força e flexibilizar este orçamento quando for necessário. No caso de Tupi, o custo de HSE representa 1,2 % do custo total do Projeto (350 MUSD), incluindo o custo do tratamento de resíduos, que representa 0,3 % do custo total do Projeto.

Infelizmente, esse custo de HSE é geralmente subestimado na fase de proposta. A primeira ação de HSE para o gerente de projeto pode ser essa: saber que o HSE precisa ser contabilizado no orçamento de forma clara e objetiva.

Relativizar o dinheiro quando se trata de HSE

Em várias ocasiões, durante um projeto deste porte, enfrentamos situações altamente estressantes. Por exemplo, há pouco tempo, tivemos que optar por instalar ou não um equipamento em situações de mar e vento limites. Era decidir colocar pessoas no navio de lançamento em condições pouco seguras. Cada um de vocês, inspirado pelo discurso de segurança, responderia que decidiria, sem a menor vacilação, parar a operação. Porém, na prática, qualificar uma situação como insegura não é tão óbvio. O que sim, é óbvio, é o custo de paralisar uma operação, no nosso caso, quase um milhão de USD por dia. Naquele momento, ninguém poderia facilmente tomar a decisão certa, nem no escritório, nem no navio. A função de um gerente de projeto pode ser promover este provérbio: para saber ganhar, há que se saber perder. Neste caso, é importante para ele relativizar a importância do dinheiro e ajudar qualquer um a tomar uma decisão com calma e frieza, mesmo que esta decisão signifique relativizar a perda de milhões de dólares (o que realmente aconteceu).

Bom, vão dizer que só penso em dinheiro. Faz parte do meu trabalho. Mas, nunca vou dizer que esse dinheiro não vale a pena. Devemos investir, sem dúvida. Porque se o dinheiro faz parte, fico muito feliz, pois a morte de pessoas não faz mais parte do meu trabalho.

Gerard Lopez, Diretor do Projeto Tupi, Technip Brasil

O autor pode ser contactado pelo e-mail gelopez@technip.com